

O ESTRANHO MUNDO DA ESCOLA SECUNDÁRIA FERREIRA DE CASTRO

Comportamentos de género em espaço escolar

João Teixeira Lopes

Resumo A partir de um polémico panfleto divulgado através do canal de *chat* da escola secundária Ferreira de Castro (Oliveira de Azeméis), desocultam-se os significados, amiúde meramente implícitos, dos quotidianos discentes e, em particular, dos comportamentos, relacionamentos e práticas de género nos espaços-tempos escolares. A análise aqui desenvolvida centra-se com maior ênfase nas dimensões comunicacionais das linguagens corporais e das interações sexualizadas, salientando os mecanismos de controlo social que contribuem para o exercício da dominação masculina.

Palavras-chave Género, espaço escolar, corpo, sexualidade.

Em meados de Maio de 2001, visitei, a convite de um grupo de docentes, a Escola Secundária Ferreira de Castro. O intuito de tal deslocação era mais uma conversa com alunos, que muito aprecio, em particular quando consigo, o que nem sempre é fácil, que decorra em aparente e animada “roda livre”. Desta feita, o debate subordinava-se ao tema: “Comportamentos Sociais dos Adolescentes”.

Como habitualmente, confrontei a jovem audiência com algumas das dimensões mais marcantes da sua condição geracional:¹ adiamento da entrada na vida adulta; prolongamento (desigual) da escolaridade; disseminação de estatutos híbridos, provisórios e precários; mal-estar discente e amplo movimento de recusa da “escola obrigação”, espécie de substituto funcional do trabalho; centramento no quotidiano convival; importância do simbólico e do estético na estruturação dos estilos de vida; identidades em moratória, com crescentes dificuldades em explorar, investir e construir alternativas sólidas...

A discussão foi das melhores. No clímax das contendas, vem à baila o profundo incómodo causado pela divulgação, num chat da Internet, de um documento anónimo relativo aos usos e apropriações do espaço escolar pelas diversas “tribos” estudantis. É a partir desse texto, desabrido e polémico, que irei falar, em seguida, a propósito dos comportamentos de género numa escola do Portugal, de hoje e de aqui.

O look e a construção da imagem

Sobressai, antes de mais, a denúncia frontal de estilos de vida, baseados numa intensa cultura da "apresentação de si", assente no corpo como projecto: suporte de identidades e rituais, objecto permanentemente inacabado, escultura sempre imperfeita:

O "busto" (máscara, careta... não interessa! Desde que esteja pintado de uma cor ber-rante, daqui a uns dois anos ou três meses, é o que interessa! *The mask is back!*), o corredor-feira-das-vaidades-look-a-like..."

Simmel, em plena transição das sociedades industriais para sociedades pós-industriais (Simmel, 1988), referia-se à dupla função da moda: por um lado, proporcionar a integração num "nós" colectivo (sentir que pertencemos, de pleno direito, à sociedade do consumo e da abundância...), por outro, a distinção e diferenciação face aos demais. Na Escola Secundária Ferreira de Castro, existem "betos", "azeiteiros ou chungas", "pessoas normais", "penstras"... ou mesmo estranhos híbridos como os "betos-azeiteiros"! O simbólico, e, em particular, a cultura da aparência, desencadeiam uma intensa cadeia de classificações que denunciam, por sua vez, a posição ocupada no espaço social escolar (evoco a já célebre frase: "Quem classifica, classifica-se" — cf. Bourdieu, 1979).

Não deixa de ser curioso verificar, na dimensão que aqui mais nos interessa, a emergência de uma cultura unisexo. Com efeito, os símbolos distintos (ou a sua deliberada e construída ausência...) são os mesmos para ambos os sexos:

Elementos comuns aos "betos" dos dois sexos:

- "Guarda-chuva?! O que é isso?"
- Livros, nem vê-los. Toda a gente sabe que os têm em casa, guardadinhos nas secretárias, à beira do computador (com *Net*, é claro!), para não apanharem pó. Para trazer o peso existem os azeiteiros.
- Ainda não passaram de moda as malas de usar de lado. São um *must* entre eles e elas.
- Telemóvel sim, mas discreto. Tem de ser um topo de gama, pequenino, que caiba num bolso. Mas com um toque bem alto, para toda a gente saber que eles o têm (...)
- Ocasionalmente ouve-se falar de estudos, mas só quando o interesse comum é rapinar os apontamentos de História para o teste de amanhã".

De facto, a "economia mediático-publicitária" (Donnat, 1994), indissociavelmente ligada ao uso das novas tecnologias de comunicação que possibilitam um permanente estado de disponibilidade interactiva (telemóvel, *net*), bem como a gloriosa indiferença face à cultura escolar ("Livros, nem vê-los!"), nivelam os comportamentos de género. Tal deve-se, no entanto, a uma outra clivagem, de cariz social. Perante os "azeiteiros", os "betos", no masculino e no feminino, mobilizam-se cognitiva e simbolicamente. Trata-se, necessariamente, de uma questão relacional, que

evoca os factores de pertença como dimensão ainda crucial das identidades, nomeadamente quando, nos cenários físicos de interacção, se favorece a visibilidade de uma forte dualização social ("betos" — eles e elas — *versus* "azeiteiros" — eles e elas, uma vez mais).

Importa, por isso, não renunciar à complexificação analítica. Neste caso, o sentido da aparente diluição das fronteiras de género só se torna inteligível por referência aos processos de estruturação do *habitus*, fortemente arreigados a uma socialização de contornos classistas, com profundos reflexos na estilização do quotidiano e na multiplicação de pormenores de apresentação (mil e uma metamorfoses de penteados, com madeixas a rigor e rituais minuciosos de lavagem, gel ou cera, rímel, ganchos para o cabelo, batons, vernizes, camisolas, botas e calças de todos os matizes, leite de limpeza, tónicos para a pele, *splash*, perfumes...), intimamente associados a um subtil jogo de reconhecimento de uma implícita hierarquia de demarcação face ao vulgar, constantemente actualizada, ratificada e legitimada nos processos interaccionais. O controlo social exerce-se, aliás, em permanente vigília e estado de alerta:

Aquele que usar bolsa de protecção para o telemóvel é imediatamente despromovido ao nível *Disco Night*.

Desta forma, a focagem analítica centrada nos processos de construção social e cultural das *masculinidades* e *feminilidades* não pode dissolver as densas teias em que se disseminam as relações de poder, fazendo apelo, por isso, a uma mútua determinação das pertenças de género e de classe (e de etnia e idade...), respeitando, no plano da compreensão da realidade, a sua autonomia relativa.²

O corpo no feminino, o corpo no masculino

Todavia, o texto é igualmente elucidativo de diferentes usos e significados corporais, consoante o género. Enquanto linguagem, o corpo, ao tornar acessíveis aos demais interlocutores uma vasta gama de significados subjectivos, contribui para a sua objectivação, tornando-os passíveis de recepção e recriação, inserindo-os, por isso, na cadeia interactiva. De certa forma, ao acedermos a esses sentidos exteriorizados, apreendemos os discursos e narrativas que os agentes contam a respeito de si mesmos, ainda que seja fundamental, do ponto de vista analítico, procurar contextualizá-los, ou, numa perspectiva Weberiana, procurar "nexos significativos típicos" (Weber, 1944).

O corpo, no masculino, é claramente agonístico. Herói de mil e uma epopeias quotidianas, o rapaz afirma-se com particular brilho no desporto (basquetebol para os "betos", futebol para os "azeiteiros") e nos automóveis e motorizadas. Velez, potente, livre.

No feminino, emerge o corpo-dieta, corpo reflexivo consciente da pressão do

Outro Significativo, condensação de ancestrais pressões e regras sociais que obrigam a mulher, desde bem cedo, a assumir, nos processos de divisão sexual das tarefas, os assuntos da “representação”, que a levam a moldar-se, por ensaios e dolorosas rectificações, ao “corpo legítimo”, espartilhado em prescrições e interditos, preceitos sagrados e heresias, limbo entre o olhar dos outros e o inferno que são os outros.

Breve manual da sexualidade estudantil

Existe, de acordo com o panfleto em análise, uma espécie de pan-sexualização dos espaços escolares. Qualquer território, desde que investido de certos significados, parece ganhar novas possibilidades:

nos bancos da entrada encontramos os casais mais audaciosos (...) nos bancos do bufete estão os namorados oficiais (...) As curtes de “guerra” (...) acontecem nos bancos traseiros do bufete (convenientemente tapados pelas mesas de pingue-pongue (...) no campo de futebol, atrás do bloco C ou perto do ginásio decorrem as curtes denominadas “normais” (...) as curtes azeiteiras restringem-se às seguintes áreas: atrás do bufete, atrás do bloco B e atrás do ginásio.

Pluralidade de espaços, pluralidade normativa. A cada espaço (ou melhor: a cada território escolar), associa-se uma forma de relacionamento e um “campo de possíveis” no domínio das práticas sexuais. Dos “namorados oficiais” (“ela já tem ferrugem no dedo onde se alojou o anel de compromisso e ele conhece melhor os cantos à casa do que a sua própria mão”) aos pares mais “audaciosos” (“rebolam-se, apalpam terreno proibido, exploram as cavidades corporais de ambos”), passando pelos casais que não namoram, apenas se “exploram” com alguma frequência, ou às “curtes” de ocasião, emerge a mesma aparente subversão de imperativos morais tradicionais. O próprio Bourdieu, tão avesso à explicitação de processos efectivos de mudança social, reconhece quebras na doxa dominante e um alargamento do “espaço de possíveis em matéria de sexualidade” (Bourdieu, 1999: 78).

Aparentemente, dir-se-ia que perpassa, de novo, a ideia de uma certa uniformização de linguagens e de práticas, sem nítidas clivagens de género:

Ele/a teve sorte em comê-lo/a...é bom/boa!

Encontram-se, inclusivamente, indícios que desmentem uma suposta maior “romantização” da relação intersexual por parte das raparigas:

“Fónix, aquele carapau tá mesmo de se comer hoje!”

No entanto, uma análise mais fina do documento realça, inevitavelmente, os traços

ideais-típicos da sexualidade masculina estudantil: predadora, performativa, dominadora, hedonista:

Sigam o elemento masculino nas suas incursões nocturnas de Sábado. Observem-no, atentamente, não deixando escapar nenhum movimento daquelas mãozinhas sapudas, sequiosas de se passearem pelos corpinhos de virgens inocentes (de preferência entre os 13 e os 15), sedentas da sua primeira aventura carnal.

Subliminarmente, sugere-se a existência de um duplo padrão de comportamento: aos rapazes cabe a procura e a identificação da “presa”, a iniciativa, a acção. Semelhante comportamento, nas raparigas, apesar de referenciado, exige práticas prévias de desinibição, nomeadamente a embriaguez, em ocasiões ritualmente festivas. Dito de outro modo, a sexualidade hedonista activa dos rapazes é da ordem do quotidiano, enquanto, semelhante faceta, nas raparigas, adquire um cariz relativamente excepcional, dado o peso dos constrangimentos sociais associados à sua condição de género. Cabe-lhes, por isso, esperar, ainda que “sedentas”, as investidas masculinas...

Além do mais, as instâncias de controlo social em espaço escolar, mesmo sendo informais, assumem, como já salientámos, um papel poderosíssimo:

As fofocas são o pão nosso de cada dia da escolinha mais que querida. É impossível que alguém entre na Escola Secundária Ferreira de Castro sem que a sua presença seja notada (...) a fofoca propriamente dita começa aqui, por uma qualquer razão imperceptível (...) O grupinho aproxima-se, despe-vos com o olhar, enquanto os seus elementos trocam comentários fascistas e soltam risadas de fazer inveja a qualquer hiena (...) — curtes e beijocas = tema de conversa para uma semana (...) — gravidez = tema de conversa durante nove meses.

As guardiãs da ordem

Extremamente significativo é o facto de os mecanismos de vigilância social serem accionados predominantemente por grupos de raparigas, elevados quase, pela sua prática, ao estatuto de coro de tragédia grega:

são apenas mais um grupo de raparigas...”, pensarão inocentemente. Mas amanhã, tremam meus amigos, porque tudo o que elas disserem será automaticamente considerado uma verdade inquestionável por toda a comunidade escolar.

Como explicar semelhante adesão das raparigas à ordem estabelecida, nomeadamente quando são, simultaneamente, inquisidores e perseguidas, carrascos e vítimas?

Pierre Bourdieu (1994) adianta uma hipótese explicativa para este estranho

ofício de “autodepreciação” e mesmo de “autodifamação”: o estado de permanente “insegurança corporal” que deriva do facto da identidade feminina ser heteronormamente definida como “ser-percebido”, existindo, antes de mais, “por e para o olhar dos outros” (*idem*: 57). Reside aqui, enfim, a lógica (inconsciente, prática) da dominação masculina: a reprodução, por parte das dominadas, da economia simbólica que sustém a relação assimétrica.

Nesse aspecto, cabe às mulheres, na divisão sexual das tarefas, um especial domínio dos indicadores do que Goffman (1999) apelida de “ritualização social”, essencial para o accionar dos processos de “etiquetagem” e categorização, alicerces ancestrais da “ordem da interacção”:

Qualquer cultura, e a nossa não é certamente excepção, parece dispor de um vasto saber oficial e imaginário no que diz respeito aos indicadores concretos de estatuto e de carácter (*ibidem*: 211).

Manuseando habilmente tais competências, as raparigas contribuem, inconscientemente, para a perpetuação de um conjunto de amarras simbólicas que espartilham, objectivamente (o simbólico tem efeitos ou consequências práticas, já o sabemos...) o seu campo de possíveis, impedindo, mesmo, uma acção feminina autónoma e colectivamente organizada.

Notas finais: *making trouble*

Leio e releio o documento anónimo. Gostaria, evidentemente, de saber muito mais sobre os seus autores, para além do que de autobiográfico se adivinha nas entrelinhas. Serão rapazes, serão raparigas? Representarão um grupo sexualmente misto? Qual será o seu enquadramento sociocultural? Que trajectórias vêm seguindo? Serão alunos de que (in)sucesso? Portadores de que visões do mundo? Que posições ocupam no campo escolar local? Qual o lugar, em suma, a partir do qual falam?

Algo parece certo: o ponto de vista soberano que exercitam sobre os espaços-tempos escolares remete-os para uma aristocrática autoexclusão, vivida com maior ou menor sofrimento, mas geradora de uma forte ironia crítica (eventualmente autocrítica?).

No entanto, a maior virtude deste texto reside, sem dúvida, no seu objectivo fundamental, aliás, plenamente atingido, a julgar pelo “ruído” manifestado durante o debate: a perturbação intencional dos quotidianos, tal como os etnometodólogos formados por Garfinkel pretendiam, desoculta, através da técnica experimental do *making trouble*, significados e normatividades que, de outro modo, se quedariam pelo terreno mole do implícito, do meramente tácito ou não dito; reino dos silêncios e das mudas evidências, lugar inquestionável das reconfortantes existências que jamais se interpelam.

Notas

- 1 Conceito movediço e capaz de suscitar graves erros analíticos, nomeadamente o cair-se na tentação de uma “ilusão da homogeneidade”, tão conveniente para abordar a condição juvenil contemporânea... No entanto, se nele insisto é porque sou levado a reconhecer, em particular devido aos estimulantes trabalhos de José Machado Pais, que existe uma *tipicidade juvenil*. O que não elimina, evidentemente, fortes clivagens “internas” na categoria “juventude” (de género, de origem sociocultural, de etnia, de território...), cf. Lopes (1997), Pais (1994) e Fonseca (2001).
- 2 Sylvia Walby (1994) critica o extremo a que chegou o pós-modernismo na fragmentação dos conceitos de raça, género e classe, retirando validade, desta forma, a “uma estruturação significativa do poder”, levando a um cada vez maior empirismo das pesquisas e à invisibilidade de conceitos centrais como racismo, patriarcado e capitalismo.

Referências bibliográficas

- Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1999,) *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta.
- Donnat, Olivier (1994), *Les Français Face à la Culture*, Paris, Ed. La Decouverte.
- Featherstone, Mike (1996), *Consumer Culture and Postmodernism*, Londres, Sage.
- Fonseca, Laura (2001), *Culturas Juvenis, Percursos Femininos*, Oeiras, Celta.
- Goffman, Erving (1999), *Os Momentos e os seus Homens*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Lopes, João Teixeira (1997), *Tristes Escolas*, Porto, Edições Afrontamento.
- Pais, José Machado (1994), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Simmel, Georg, (1988), *La Tragédie de la Culture*, Paris, Éditions Rivages.
- Walby, Sylvia (1994), “Post-postmodernism? theorizing gender”, em AA.VV., *The Polity Reader in Social Theory*, Cambridge, Polity Press.
- Weber, Max (1944), *Economía y Sociedad*, México, Fondo de Cultura Económica.

João Teixeira Lopes, 33 anos, sociólogo, professor associado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Coordenador do Instituto de Sociologia. Mestre em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa com a dissertação *Tristes Escolas* (Edições Afrontamento, 1997). Doutorado em Sociologia da Cultura e da Comunicação com a dissertação *A Cidade e a Cultura* (Edições Afrontamento, 2000). Programador de Porto 2001, Capital Europeia da Cultura na área do Envolvimento da População. É actualmente deputado pelo Bloco de Esquerda.